

FRUTICULTURA EM MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO - FRUTOS SECOS E AMEIXA -

I - CARACTERIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO

1 – O PRODUTOR

O produtor do caso em apreciação é engenheiro agrónomo na situação de aposentado do Ministério da Agricultura. Depois da formação em agronomia toda a sua vida profissional esteve ligada ao sector agrícola no Entre Douro e Minho, enquanto activo, como técnico e dirigente dos diversos organismos locais do Ministério da Agricultura, que se foram sucedendo ao longo dos seus largos anos de actividade. Posteriormente, já na situação de aposentado, foi responsável de organismos representantes da actividade agrícola, entre os quais o Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte (IDARN) e Associação para a Gestão do Campus Agrário de Vairão. Actualmente faz parte dos órgãos sociais da Cooperativa Agrícola de Barcelos, de que é associado, assim como da Frutivinhos. Enquanto produtor biológico é associado da Agridin – Associação Profissional para o Desenvolvimento da Agricultura Biodinâmica e Biológica, que lhe garante o apoio técnico neste modo de produção.

Esta exploração está na posse deste produtor há cerca de quarenta anos, que vivendo nela, assume a direcção de tudo quanto nela se faz o que actualmente o ocupa-o a tempo inteiro.

2 – A EXPLORAÇÃO

A área explorada por este produtor é constituída efectivamente por duas explorações, ambas situadas na freguesia de Remelhe do concelho de Barcelos, mas espacialmente separadas em:

a) Quinta dos Ameais

A Quinta do Ameais é ocupada em 0,7 ha por vinha em protecção integrada e em 3,3 ha por castanheiros em produção biológica, de que nos iremos debruçar no presente texto.

Os castanheiros são das variedades Bouche de Bétizac, Bele de Épine e uma variedade regional, a Amarelal. As variedades francesas são de produção muito precoce e muito prolíferas, tendo em média cada ouriço três castanhas de grande dimensão. No entanto, na opinião do produtor, a variedade regional produz frutos que superam em sabor e capacidade de conservação as qualidades de apresentação dos frutos das variedades francesas.

Este pomar foi instalado em Janeiro/Fevereiro de 1998, com porta-enxertos resistentes à tinta, importados de França. Como não havia experiência na enxertia desta espécie na região, na altura foi necessário recorrer a mão-de-obra experimentada de Trás-os-Montes. O compasso utilizado foi de 8 X 6 m. Actualmente o produtor mostra-se arrependido relativamente a esta opção, considerando este compasso insuficiente relativamente à dimensão das árvores, o que ocasiona problemas de ensombramento, que se reflectem na produção. Em sua opinião o compasso mais adequado seria de 10 m X 10 m.



Figura 1 – Quinta dos Ameais

A conversão da produção de castanheiros iniciou-se em 2003, sendo a entidade certificadora a Sativa.

O tipo de solo é moderadamente ácido (Ph 6) de textura areno-argiloso.

b) Quinta da Torre de Moldes

É nesta exploração que se situa a casa principal e onde o produtor reside. Nem toda a área está em produção biológica, dado que houve uma opção de conduzir em “bio” apenas as culturas que não se esperava levantarem grandes problemas fitossanitários.

Temos portanto em produção biológica as ameixeiras, com uma área de 1,50 ha, nogueiras e que correspondem a 0,50 ha. Existe também uma pequena área de pinheiro manso, com cerca de 3 000 m², numa fase de experimentação, dado que não é uma cultura característica da região, não se conhecendo qual o seu comportamento produtivo nestas condições edafo-climáticas,

Para além destas culturas, existe ainda em produção convencional, um pomar de pomoideas, com cerca de 1,3 ha de macieiras e 0,3 ha de pereiras, um pomar de citrinos com 0,2 ha e vinha, conduzida em cordão, que ocupa uma área de 2,5 ha. Não entraremos em detalhes relativamente a estas culturas por estas não se encontrarem em modo de produção biológico.

As ameixeiras são das variedades Santa Rosa, primeira a entrar em produção, que produz frutos de excelente sabor e apresentação, mas sem grandes qualidades de conservação. As outras variedades são do grupo das Blacks (Black Amber, Black Star, Black Gold e Black Beauty) que têm muita aceitação no mercado e boas qualidades de conservação. A implantação das árvores no campo, em linhas com um espaçamento de 5 metros, segue a ordem de entrada em produção.



Figura 2 – Quinta da Torre de Moldes

O pomar de nogueiras foi implantado com a variedade Lara e uma variedade que tem a função polinizadora. O compasso de implantação é de 8 X 5 metros.

O início da conversão deu-se, tal como na Quinta dos Ameais, em 2003, com a mesma entidade certificadora – a Sativa.

O solo tem características semelhantes ao da Quinta dos Ameais.

3 - ITINERÁRIO TÉCNICO DAS CULTURAS

a) Quinta dos Ameais

A fertilidade do solo é assegurada por vegetação espontânea pastoreada por cerca de quarenta ovelhas que são deslocadas ora para uma quinta ora para outra conforme a disponibilidade de erva para pastoreio. Este transporte, entre as duas áreas, é assegurado pelo comerciante que adquire os animais.

A actividade de produção animal não está notificada em agricultura biológica, sendo os animais comercializados como produto indiscriminado, uma vez que a sua presença na exploração não se destina propriamente a constituir uma mais valia em termos de rentabilidade, mas apenas a fertilizar os campos em produção vegetal e assegurar o controlo da vegetação espontânea. Poderíamos dizer que os animais não são encarados como uma produção mas como um factor de produção.

Dado o total de área disponível nas duas quintas, poderia ser aumentado o efectivo, no entanto, devido a esta actividade não ser encarada como um dos produtos da exploração, e devido ao receio de insuficiência de pastagem, especialmente no Verão, foi tomada a opção de ter apenas um número de animais que permitisse garantir a fertilização dos pomares.



Fifura 3 – Pomar de castanheiros

Antes da apanha da castanha, se necessário, procede-se ao corte da vegetação com capinadeira, com enterramento do material vegetal para adubação verde.

Só se utilizou a rega nos dois primeiros anos de vida das árvores.

Durante o ciclo vegetativo não há intervenções culturais, dado que não ocorrem problemas sanitários, à excepção do cancro. Neste caso, nas árvores atacadas procede-se ao corte e queima do material contaminado. Nas feridas provocadas pelos cortes aplica-se pasta bordalesa com uma mistura de 4% de lixívia. Este trabalho ocupa duas pessoas durante cerca de quinze dias.

A apanha dos frutos, que se inicia no princípio de Setembro, faz-se manualmente, com recurso a mão-de-obra familiar, durando em média quinze dias, com uma ocupação de duas pessoas a tempo inteiro. Normalmente é pedida também a intervenção de outros membros da família, que ajudam ocasionalmente, conforme a disponibilidade. A colheita mecânica não é utilizada porque a máquina afecta o aspecto dos frutos, uma vez que ao bater risca a casca. Por outro lado, foi-nos referido também como uma desvantagem da mecanização, o facto de a máquina rejeitar os frutos de grandes dimensões, que ocorrem muito frequentemente nas árvores das variedades francesas.

b) Quinta da Torre de Moldes

A área em produção biológica nesta quinta encontra-se toda vedada para confinar o espaço de circulação das ovelhas, que, tal como na Quinta dos Ameais, pastoreiam livremente a vegetação espontânea no pomar.

Nestes pomares, onde se efectua uma poda de rebaixamento das árvores e abertura da copa das árvores, o aumento da fertilidade do solo é também garantido com a utilização da lenha de

poda, que, depois de destroçada, é deixada no campo. Os resultados deste procedimento são visíveis no vigor da vegetação espontânea que aparece nestes locais.



Figura 4 – Pomar de ameixeiras

De uma forma geral não são executadas mais nenhuma operações culturais, para além da aplicação de calda bordalesa nas árvores, após a poda.

O único problema de natureza fitossanitária que se regista no pomar de nogueiras é o ataque da raiz, colo e copa das árvores por fungos do género *Phytophthora*. Este problema é de certa gravidade e difícil de controlar. Tem sido utilizado no combate à doença um outro fungo – *Trichoderma* – com recurso ao produto comercial “Trianum”, incorporado no solo, mas ainda sem resultados conclusivos.

Nas ameixeiras registam-se ataques pontuais de afídeos, no entanto, devido à franca expressão da infestação não é necessário proceder a tratamentos.

Relativamente a outras operações culturais, é necessário, no pomar de ameixeiras, nos anos em que as condições meteorológicas são favoráveis, proceder a uma monda de frutos, que pesa bastante nos encargos, por se tratar de uma operação demorada e cara. A produção de ameixa na região é muito incerta, uma vez que, embora a floração seja de uma forma geral abundante, o vingamento da flor fica dependente das condições meteorológicas, o que leva a que em determinados anos a produção seja muito escassa e noutros seja necessário proceder à monda de frutos. A título de exemplo podemos referir que na campanha anterior a produção foi de uma tonelada, tendo no ano anterior sido de trinta toneladas.

A colheita é efectuada por duas a três pessoas, que iniciam a recolha em Julho, no pomar de ameixa, nas primeiras linhas que estão instaladas com a variedade Santa Rosa e de seguida passam para o pomar de pereiras, que está em produção convencional. A instalação dos pomares

na exploração foi pensada de forma a que toda a produção seja escalonada, por espécies, e dentro de um pomar da mesma espécie, por variedades mais ou menos temporãs, como acontece no pomar de ameixas, em que as cinco variedades existentes têm produções distanciadas entre oito/quinze dias.



Figura 5 – Vista do pomar de nogueiras

Relativamente à área de pinheiro manso, de instalação mais recente (2004), não é possível até ao momento afirmar se se trata de uma boa aposta, na medida em que as árvores ainda não entraram em produção. Foi utilizada a enxertia em verde, que é indicada como uma forma de encurtar a entrada em produção das árvores, no entanto não se viram ainda resultados no que toca ao comportamento produtivo desta espécie nas nossas condições.

4. DESTINO DA PRODUÇÃO

A produção de castanha, das variedades francesas, não tem dificuldades de escoamento, na medida em que, tratando-se de um produto que é colocado muito cedo no mercado, e com muito boa apresentação, é rentabilizada por estas características. É portanto comercializada como produto indiferenciado, mas com bom preço.

Relativamente à produção de castanha da variedade tradicional, que está disponível numa altura em que há muito produto no mercado com as mesmas características, era importante a sua valorização pelo modo de produção específico. No entanto os circuitos de comercialização de produtos “bio” estão deficientemente instalados, pelo que a castanha acaba por ser vendido como produto indiferenciado, por vezes com dificuldade.

A produção de ameixas e nogueiras também é vendida sem qualquer valorização resultante do modo de produção. O sistema de escoamento utilizado é o de entregar a totalidade da

produção a uma Cooperativa – a Frutivinhos – que se encarrega da comercialização, indiscriminadamente, com a produção de todos os seus associados que têm as explorações em modo de produção convencional.

A ameixa normalmente é paga a um preço favorável, porque tem boa aceitação no mercado, especialmente as variedades black, que têm boas condições de conservação.

Já no caso das nogueiras, o pagamento da produção, para além de tardio, o que é um problema comum quando o escoamento é feito através da entrega em Cooperativa, a rentabilização também não é satisfatória.

II – DIFICULDADES SENTIDAS PELO PRODUTOR INERENTES AO MODO DE PRODUÇÃO

As principais dificuldades referidas prendem-se com o facto de não ter sido possível comercializar a produção como produto biológico, não gerando portanto qualquer valor acrescentado relativamente à produção convencional.

No entanto, o produtor não se mostra arrependido relativamente à conversão da área a este modo de produção, o que se prende essencialmente com três factores:

- Estamos perante um produtor com alguma formação e com um grau de consciencialização acima da média relativamente aos efeitos nefastos de uma agricultura intensiva, não amiga do ambiente;
- O rendimento que não é possível acrescentar, por a produção não ser comercializada como biológica, é compensado pelo facto de o produtor ter direito a uma ajuda, correspondente à área em modo de produção biológico, no quadro das Medidas Agro-Ambientais;
- A produção não gera uma mais valia pelo facto de ser biológica, no entanto, há uma economia em factores de produção, o que se reflecte no rendimento da exploração. Note-se que neste caso não há praticamente aquisição de factores de produção, até o tractor existente na exploração está praticamente sempre parado.

III - PERSPECTIVAS DE FUTURO

Uma alternativa que está a ser ponderada é valorizar a produção de ovelhas, notificando a actividade de produção animal como biológica, uma vez que são cumpridas todas as condições para a sua certificação. O produtor acredita que se trata de um produto com potencialidades de ter uma boa aceitação ao nível do mercado de consumidores biológicos.

Relativamente à área de vinha, actualmente em protecção integrada, é intenção do produtor fazer a conversão para a agricultura biológica. No entanto há que considerar as perspectivas de rentabilização do produto na transformação, uma vez que o sistema actualmente utilizado, de proceder à entrega das uvas na Adega Cooperativa de Barcelos, não permite o tratamento diferenciado do produto e a sua valorização.

Relativamente a efectuar a conversão da totalidade da área da exploração ao modo de produção biológico, o produtor levanta algumas questões, nomeadamente relativas ao pomar de macieiras, devido à inexistência de produtos fitossanitários, admitidos em agricultura biológica, que permitam um controlo efectivo do pedrado, bichado e ácaros. A conversão a este modo de

produção é uma decisão que teria que ser tomada aquando da instalação do pomar, de forma a serem escolhidas variedades autóctones resistentes.

O principal estrangulamento detectado nesta exploração, que se prende com o facto de a produção não ser comercializada com o respectivo valor acrescentado por ser proveniente deste modo de produção, espera-se que venha a ser ultrapassado. Para tal tem que haver um trabalho sério de divulgação das propriedades destes produtos e das vantagens para o ambiente e preservação dos ecossistemas que este modo de produção acarreta. Um aumento consciente da procura, implicará a existência de circuitos de comercialização mais agilizados que se irão reflectir na facilidade de escoamento destes produtos. Nesta situação, que se espera venha a ser o futuro, a existência ou não de ajudas ao rendimento deixa de ter importância na decisão de alargar a área em modo de produção biológico.

AGRADECIMENTOS

- Ao Engº José Júlio Trigueiros que, para além de toda a experiência que tem para transmitir, nos continua a ensinar o resultado do que de novo vai experimentando.
- À D. Manuela Trigueiros, pela disponibilidade e simpatia com que nos acolheu.